

# Mundos em Mudança

COORDENADORES

Lurdes de Castro Moutinho

Alberto Gómez Bautista

Helena Rebelo

Luís Pinto Salema

Maria Teresa Roberto

Paulo Osório

Rosa Lúdia Coimbra

Rosa Maria Lima

Tamara Flores Pérez





# Mundos em Mudança

## COORDENADORES

Lurdes de Castro Moutinho

Alberto Gómez Bautista

Helena Rebelo

Luís Pinto Salema

Maria Teresa Roberto

Paulo Osório

Rosa Lúcia Coimbra

Rosa Maria Lima

Tamara Flores Pérez

## MUNDOS EM MUDANÇA

### COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Abdelilah Suisse | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Alberto Gómez Bautista | ISCAL/CLLC, Portugal  
Amélia Polónia | Universidade do Porto/CITEM, Portugal  
Ana Garrido | Universidade de Varsóvia, Polónia  
Ana Margarida Ramos | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Ana Telma Monteiro de Sousa | Universidade do Estado do Pará, Brasil  
Anthony Barker | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
António Andrade | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Antonio Romano | Universidade de Turim, Itália  
Carlos Morais | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Chiara Simonigh | Universidade de Turim, Itália  
Danuta Ewa Gabrys-Barker | Universidade de Silésia, Polónia  
David Callahan | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Elisa Fernández Rei | CLLC/Univ. de Santiago de Compostela/ILG, Espanha  
Elisabetta Paltrinieri | Universidade de Turim, Itália  
Elisabeth Teixeira | Universidade do Estado do Amazonas, Brasil  
Francisco Pereira Smith Junior | IEMCI/Universidade Federal do Pará, Brasil  
Gillian Moreira | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Helena Rebelo | Universidade da Madeira/CLLC, Portugal  
Izabel Seara | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Jean Léo Léonard | Universidade Paul Valéry – Montpellier 3, França  
João Manuel Torrão | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal

José Sena | Museu Paraense Emílio Goeldi, Brasil  
Leonardo Marcotulio | Universidade de Aveiro/DLC, Portugal  
Luís Gonçalves | Princeton University, Estados Unidos da América  
Lurdes de Castro Moutinho | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Maria Manuel Baptista | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Maria Teresa Alegre | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Maria Teresa Roberto | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Mário Avelar | Universidade de Lisboa/CEAUL, Portugal  
Nicola Bermingham | Universidade de Liverpool, Reino Unido  
Orietta Abbati | Universidade de Turim, Itália  
Otilia Martins | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Paolo Mairano, Universidade de Lille, França  
Paulo Osório | Universidade da Beira Interior/CLLC, Portugal  
Regina Célia Fernandes Cruz | Universidade Federal do Pará, Belém, Brasil  
Rosa Lídia Coimbra | Universidade de Aveiro/CLLC, Portugal  
Rosa Maria Lima | ESE de Paula Frassinetti/CLLC, Portugal  
Sílvia Benchimol | Universidade Federal do Pará, Bragança, Brasil  
Susan de Oliveira | Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil  
Xosé Luis Regueira | Universidade de Santiago de Compostela/ILG, Espanha  
Xulio Sousa Fernández | CLLC/Univ. de Santiago de Compostela/ILG, Espanha

Coordenação: Lurdes de Castro Moutinho | Alberto Gómez Bautista | Helena Rebelo | Luís Pinto Salema  
Maria Teresa Roberto | Paulo Osório | Rosa Lídia Coimbra | Rosa Maria Lima | Tamara Flores Pérez

Capa: Imagem de Juliana Gonçalves

Paginação: Pedro Panarra

© Autores. Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0

Edições Humus, 2023

End. Postal: Apartado 7081 – 4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Tel. 926 375 305

E-mail: humus@humus.com.pt

www.edicoeshumus.pt

1.ª edição: dezembro 2023

ISBN: 978-989-755-945-7

Impressão: Papelmunde – V. N. Famalicão

Depósito legal: 524975/23

Este evento foi financiado por fundos nacionais, através da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I. P., no âmbito do projeto UIDB/04188/2020

Os conteúdos apresentados são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.

# índice

- 7      Apresentação  
9      Presentation

## CONFERÊNCIAS

- 13      Les vestiges d'une langue comme monument  
et comme ressource de découverte  
*Antonio Romano*
- 33      Ideoloxías lingüísticas e redes sociais en galego: Debates e usos  
lingüísticos nunha lingua minorizada no contexto da globalización  
*Xosé Luís Regueira*

## COMUNICAÇÕES

- 67      A língua mirandesa na encruzilhada: uma reflexão sobre  
mudança linguística e sustentabilidade  
*Alberto Gómez Bautista | Lurdes de Castro Moutinho*
- 83      Le Supplément au Voyage de Bougainville,  
une défense de l'anticolonialisme  
*Ana Fernandes*
- 97      Viagem e mudança de aspectos prosódico-entoacionais  
da fala de mulheres açorianas e brasileiras  
*Beatriz Martins Rachadel | Victória Vivian Fôrmolo |  
Izabel Christine Seara | Lurdes de Castro Moutinho*
- 123      Rádio pela Internet: Comunidade e pertença de ouvintes migrantes  
*Claudiene dos Santos Costa | Maria Érica de Oliveira Lima*
- 139      A multiplicidade gráfica no CORGA: Métodos para o seu  
recoñecemento automático  
*Eva María Domínguez Noya | María Sol López Martínez*

- 163 Formação de leitores quilombolas: Uma proposta didático-pedagógica  
*Gabhriele Rodrigues de Oliveira | Célia Zeri de Oliveira*
- 191 Feminino/ masculino/ neutro no fenómeno linguístico @  
da linguagem inclusiva: a gramática do género em latim,  
português e noutras línguas românicas  
*Helena Rebelo*
- 219 A vitalidade de “amecê” no concelho de Machico (Madeira)  
*Jéssica Freitas Olim | Helena Rebelo*
- 247 O alinhamento tonal e a variação prosódica em Minas Gerais  
*Leandra Batista Antunes*
- 269 Production of Brazilian Portuguese intonational patterns  
by russophone immigrants  
*Luciana Lucente | Anna Smirnova Henriques | Pavel Skrelin |  
Tatiana Kachkovskaia | Daria Guseva | Sandra Madureira*
- 287 Mudar de lugar, mudar de falar?  
O que dizem os dados AMPER  
*Lurdes de Castro Moutinho | Rosa Lúcia Coimbra*
- 301 Projeto Literatura de Mulheres: memórias, periferias  
e resistências no atlântico luso-afro-brasileiro  
*Margarida Rendeiro | Susan de Oliveira*
- 321 Formação de professores e a diversidade linguístico-cultural  
da sala de aula: novo cenário  
*Maria Aparecida Caltabiano*
- 337 “Movimentos de fuga não são viagens”: A ficção distópica  
de José Eduardo Agualusa  
*Maria do Carmo Mendes*
- 349 The automated analysis of affective facial expressions  
*Mario A. S. Fontes | Sandra Madureira*
- 365 Oralidad y textos escritos: El caso del cómic  
*Noemí Pérez Pérez*
- 387 Reflections on the English language teaching in Brazilian public schools  
*Solange Maria Sanches Gervai*
- 401 Romances históricos contemporâneos, vias ao pensamento decolonial  
*Thiana Nunes Cella | Gilmei Francisco Fleck*

# Apresentação

Nos dias 20, 21 e 22 de julho de 2022, realizou-se no Centro de Línguas, Literaturas e Culturas da Universidade de Aveiro, Portugal, o Congresso Internacional *Mundos em Mudança*, que reuniu investigadores de diferentes áreas científicas, Literatura, Linguística e Cultura, com o objetivo de refletirem, em conjunto, sob diversas temáticas, cujo tema agregador foi *mundos em mudança*.

O evento incidiu sobre as causas subjacentes às mudanças que vão ocorrendo nas línguas, nas culturas e no mundo em geral. Este questionamento sobre o papel dessa diversidade na construção do pensamento contemporâneo, a visão do outro e a imagem que cada cultura constrói de si mesma, com os dilemas e desafios que coloca a diversidade linguística e cultural ou o seu desaparecimento, foram também objeto de análise neste encontro, já que nos devem merecer uma atenção permanente e aprofundada.

O volume inclui textos de duas conferências e de diversas comunicações orais após terem sido submetidos a uma revisão científica cega por pares. As temáticas abordadas situam-se nos domínios da Linguística, da Literatura, da Cultura ou de outras áreas relacionadas.



# Presentation

On July 20, 21 and 22, the International Conference on Changing Worlds took place at the Languages, Literatures and Cultures Centre of the University of Aveiro, Portugal. It brought together researchers from different scientific areas, Literature, Linguistics and Culture, with the aim of together reflecting on several topics, whose aggregating theme is *Changing Worlds*.

The event focused on the underlying causes of the changes that are taking place in languages, in cultures and in the world in general. The debate about the role of this diversity in the construction of contemporary thought, the perspective of the other and the image that each culture constructs of itself, with the dilemmas and challenges posed by linguistic and cultural diversity or its disappearance, were also addressed in this meeting, since they deserve our permanent and in-depth attention.

The volume includes texts from two conferences and several oral communications after they were subjected to blind scientific peer review. The topics addressed are located in the domains of Linguistics, Literature, Culture or other related areas.

# A vitalidade de “amecê” no concelho de Machico (Madeira)

The vitality of “amecê” in the municipality of Machico (Madeira)

JÉSSICA FREITAS OLIM\* | HELENA REBELO\*\*

**Resumo:** Em dois momentos (um primeiro geral ou de contextualização e um segundo com dados de um inquérito circunscrito), pretendemos abordar uma forma de tratamento que está a ser cada vez menos usada, no século XXI, quando parece ter tido, no passado, grande vitalidade, no arquipélago madeirense. Trata-se de “amecê” que se ouvia correntemente na ilha da Madeira. Foi atestada em ambiente familiar no concelho de Machico, aqui em estudo, há vinte e cinco anos, em usos comuns no diálogo com idosos, num nível de língua popular e coloquial. Qual a sua etimologia? Que significação e usos continua a ter?

**Palavras-chave:** formas de tratamento; “amecê”; património linguístico; sociedade; cultura.

---

\* Universidade da Madeira

\*\* CLLC | Universidade de Aveiro  
FAH-DLLC e CIERL | Universidade da Madeira

**Abstract:** In two parts (the first one, a contextualization, is general and a second is a questionnaire with specific data), we intend to approach a form that is being less used in the 21st century, when it seems to have had great vitality in the Madeiran archipelago in the past. It is the word “amecê” that was currently heard in the island of Madeira in the past. It was attested in a family environment in the municipality of Machico, here under study, twenty-five years ago, in common uses in dialogue with the elderly, at a level of popular and colloquial language. What’s its etymology? What meaning and uses it continues to have?

**Keywords:** respect forms; “amecê”; linguistic patrimony; society; culture.

### Considerações introdutórias

Com o tempo, alteram-se a forma de falar e a de agir em sociedade. Aquilo que dantes era corrente; hoje, é (ou pode ser completamente) inusitado. No entanto, revela-se como manifestação de Património Linguístico, enquanto herança dos antepassados que permanece viva na cultura. Ao longo das gerações, as formas de tratamento vão mudando porque se alteram as convivências e as relações sociais. Nos contactos interpessoais, observa-se a existência de várias formas concomitantes, sendo algumas antigas e reveladoras de uma sociedade e de uma cultura diversas das do presente. Há muitos estudos sobre o assunto em geral que se têm debruçado sobre o Português (cf., por exemplo, LINDLEY CINTRA, 1972, e DUARTE, 2011, para citar apenas duas referências). Há formas de tratamento que não são usuais na norma. São, portanto, marginais porque, por exemplo, pertencem a uma variedade regional, que, habitualmente, nem é alvo de estudo. O caso de “amecê”, ainda hoje em uso, mas em franco declínio, na Região Autónoma da Madeira, é disso exemplo e comprova-se pela observação linguística junto da população. Por informações recolhidas *in loco*, sabe-se que era muito utilizada, por exemplo, no concelho de Machico, há 25 anos.

Este estudo tem a finalidade de esmiuçar este fenómeno de mudança. Por um lado, num plano teórico, pretende-se pesquisar a existência de “amecê” em dicionários, vocabulários/ glossários do século XX. Por outro lado, almeja-se uma vertente prática, registando a vitalidade e a dinâmica na comunidade. O propósito prático desta investigação é analisar os resultados de uma amostra de respostas obtida através de um pequeno inquérito, aplicado em Machico, em 2021. A análise dos dados permitirá compreender a amplitude do uso de “amecê”.

Interessará: descrever o significado que lhe é atribuído; comprovar se é coincidente com o das referências metalinguísticas; analisar as circunstâncias sociais de utilização; caracterizar o estatuto e o papel sociais do referente, ou seja, a quem se dirige o locutor, com o perfil ou a posição social do alocutário; o que, cultural e socialmente, simboliza e verificar o posicionamento dos inquiridos quanto ao conhecimento e ao uso. Embora ainda se ouça, tê-lo-ão as gerações mais novas anulado dos seus registos na dinâmica social? O poder dos *mass media* e das redes sociais é incontestável. Ao dar espaço à valorização do Património Regional e Local, certos humoristas madeirenses revitalizam diversos regionalismos, não deixando desaparecer/ morrer os bens linguísticos, mais ou menos valorizados, assumindo importância a variedade madeirense da língua portuguesa. É o que se observa com “amecê”, o assunto em estudo.

### 1. À procura da origem de “amecê”

Ir à procura da origem de usos linguísticos é uma tarefa quase inglória porque remete para tempos passados, sendo extremamente difícil identificar fontes. Procurar a origem para usos linguísticos populares, que se foram e vão propagando, ainda se torna mais complexo. O uso de “amecê”, forma de tratamento regional madeirense (por agora, apenas se atestou no arquipélago madeirense), resultará de “A VOSSA MERCÊ” que também terá dado “VOCÊ” (“vosmecê, vossemecê” -> “você”). Uma breve pesquisa por alguns dicionários nem é muito frutífera, já que a maioria dos consultados (cf. Tabela 1) nem regista a entrada, não apresentando, por isso, nenhuma significação para essa forma de tratamento que terá cariz comprovadamente, até prova em contrário, regional madeirense. Aliás, o dicionário em linha Priberam, com a vantagem de colher pesquisas pela Internet, é o único que atesta a forma, evidenciando a sua origem geográfica, enquanto regionalismo. Identifica uma vertente “informal”, quanto ao registo, o que não corresponderá propriamente aos usos registados, nem às respostas ao inquérito aplicado na área de Machico. A forma de tratamento “amecê” destina(va)-se a pessoas mais velhas, havendo algum distanciamento entre os interlocutores, embora possam (pudessem) ser da mesma família ou vizinhos, evidenciando conhecimento da baixa condição social partilhada. Por simples curiosidade, alargou-se a pesquisa ao galego, pela consulta do Estraviz (dicionário de galego-português) e *Diccionario da Real Academia Galega*. Verificou-se que, em ambos, também não regista nenhuma entrada para “amecê”.

Dicionários	“amecê”
Priberam [em linha] (2021)	(contração de vossa mercê), pronome pessoal de dois géneros, [Portugal: Madeira, Informal] Forma de tratamento informal que se dirige a pessoas que não são tratadas por tu e que obriga à concordância com o verbo na terceira pessoa. = VOCÊ, VOSSEMECÊ
Aurélio (2021)	Sem entrada: significado inexistente
Academia (2001)	Sem entrada: significado inexistente
Houaiss (2001 e 2005)	Sem entrada: significado inexistente.
Porto Editora (1999)	Sem entrada: significado inexistente.
Machado (1991)	Sem entrada: significado inexistente.
Cândido de Figueiredo (1986)	Sem entrada: significado inexistente.
Morais (1789, 1813)	Sem entrada: significado inexistente.
Bluteau (1712-1721)	Sem entrada: significado inexistente.

**Tabela 1.** Alguns dicionários de português: entrada “Amecê”.

No *Dicionário de Língua Portuguesa* de Houaiss (2001, 2005), a sequência “Vossa Mercê” está incluída na entrada “mercê” (Houaiss, 2005). Faculta a seguinte informação: “Vossa Mercê”: “Vossa M. forma de tratamento dada a pessoas que não tinham senhoria e às quais não se tratava por tu; vosmecê, vossemecê”. Complementando a consulta com a entrada “senhoria” (Houaiss, 2005), registam-se, por um lado, quatro sentidos: “1 autoridade ou qualidade de senhor ou senhora 2 domínio, direitos feudais sobre uma terra 3 a terra que está sob esse domínio 4 proprietária de bens imóveis; senhora” e, por outro, a seguinte informação: “Vossa S. tratamento cerimonioso us., sobretudo, em linguagem comercial”. Portanto, “Vossa Mercê” e “Vossa Senhoria” não são coincidentes, já que “Vossa Mercê” implica que a pessoa destinatária da forma de tratamento não tenha propriedade e “Vossa Senhoria” é destinado a quem possui propriedade. Pressupõem ambas um conhecimento concreto e pessoal existente entre os interlocutores para saber quem era ou não proprietário de

terras. Aqui, a questão não é “ser ou não ser”, mas é a de “ter ou não ter”. A propriedade privada, social e culturalmente, foi, e em certa medida continua a ser, sinal de riqueza e de estatuto social, merecendo consideração por parte de quem não tem e, de algum modo, depende de quem é proprietário. Por conseguinte, ter ou não ter bens implicava, conseqüentemente, uma forma de tratamento adequada. A forma “Vossa Mercê” implica(ria) que a pessoa com quem se fala(va) não tem (tivesse) propriedade, embora não se tratasse com familiaridade. Portanto, não é de uso informal. Assinalou-se que ambas as entradas não comportam nenhum outro elemento linguístico, por exemplo, artigo definido “a”, antes de “vossa”. No entanto, na forma em estudo parece ocorrer: amecê > a mecê > a vossa mercê. A reflexão em torno do assunto, levou a considerar a expressão “à mercê de” (ficar à mercê de alguém) próxima de “a vossa mercê”, enquanto antiga forma de tratamento, muito ao gênero do ainda hoje ouvido no comércio: “A minha senhora, deseja algo?”. O mesmo sucede com “O senhor pretende isto ou aquilo?”. Os artigos definidos acompanham muitas vezes as expressões empregues para as formas de tratamento. Aliás, os possessivos também estão frequentemente presentes a marcar a ligação entre as pessoas, pelos laços sociais que as unem. O dicionário de referência consultado e mencionado acima indica a evolução pela qual passou “[a] vossa mercê” (suprimindo as maiúsculas) e faculta alguns dados para a etimologia: “pron. contr. de VOSSEMECÊ” e “ETIM. ver em você”. Assim, “vossemecê”, ainda em voga no mundo onde se fala português para tratar os mais idosos, resultou do contrair, pela aglutinação, de “vossa + “mercê”, através de alguns fenómenos fonéticos: 1) a mudança de timbre vocálico da vogal final de “vossa” > “vosse” e 2) a síncope da vibrante em final de sílaba interior. Indica o dicionário em consulta que, para a etimologia, se deve ler a entrada “você” (cf. Houaiss, 2005: “ETIM. ver em você”). Simplificando, “você” terá origem em “vossa mercê” (“ETIM. vossa mercê > vossemecê > vosmecê > você”). Etimologicamente, “mercê” vem do latim com o sentido de “recompensa”, “honorário”, “preço pago por um trabalho ou por uma mercadoria”. Conseqüentemente, na origem, nada tem de forma de tratamento usada no discurso. Em “Formas de Tratamento de Segunda Pessoa do Singular em Português: Representações e Crenças de Falantes Madeirenses”, Aline Bazenga (2022, 474)<sup>1</sup> dá conta de

1 Cf. Bazenga, 2022: “2.2. Variedade Insular PE (Arquipélago da Madeira): “Relativamente ao sistema de FT na variedade madeirense do PE, Aline Bazenga [nota 24] dá conta de algumas tendências regionais, nomeadamente no contexto familiar (...) Uma outra característica apontada pela autora diz respeito ao uso de expressões vocatórias, seguidas de interjeições, tais como “amecê”, “apaz” (rapaz)/“apariga” (rapariga), “home”, cujo uso está relacionado com sincronizações

algumas referências bibliográficas a atestar “amecê”, incluindo a forma no conjunto das «expressões vocatórias, seguidas de interjeições, tais como “amecê”, “apaz” (rapaz)/ “apariga” (rapariga), “home”». Ora, julga-se que “amecê” difere completamente das restantes três que, à partida, identificam o/a interlocutor/a: rapaz-“apaz”, rapariga-“apariga” e homem-“home”, não ocorrendo de igual maneira com “amecê”, destinado a qualquer tipo de interlocutor e por não parecer pertencer, propriamente, a um conjunto de “expressões vocatórias, seguidas de interjeições”. De seguida, facultam-se alguns usos.

## 2. Usos e ocorrências

Contrariamente aos dicionários de língua portuguesa folheados, os vocabulários regionais madeirenses, nomeadamente alguns dos publicados em livro (cf. Tabela 2) atestam o uso. São unânimes em considerar que é equivalente a “vossemecê”. Identificam-no com essa forma de tratamento generalizada, mas que deveria, no arquipélago, conviver com “amecê”. Nesse conjunto, é Abel Marques Caldeira quem faculta uma informação relevante, sublinhando uma grafia diferente. Apresentando um artigo (separado com ou sem hífen: “a-mecê” / “a mecê”) e a supressão do possessivo, restando apenas “mecê”, já com a síncope da vibrante, como sinónimo de “senhor” ou “senhora”, evidencia que a forma seria mesmo resultado de “A Mercê”, algo como, por exemplo, “O Senhor deseja...”, podendo ser feminino como em “A Senhora quer...”. As formas de tratamento podem ou não incluir o possessivo e, neste caso, seria excluído. Assim, “A Vossa Mercê” teria artigo e possessivo; “Vossa Mercê” abdicaria do artigo e “A Mercê” excluiria o possessivo. As possibilidades linguísticas são sempre muitas e a variação permite que os falantes encontrem as estratégias que mais lhes convêm.

---

de maior ou menor proximidade entre os interlocutores, no eixo da distância social. Destas expressões em uso nas variedades do português falado no arquipélago da Madeira, “amecê” é a única que se encontra registada na obra *Vocabulário Madeirense*, de Fernandes Augusto da Silva [nota 25], tendo sido também apontada por Canuto Soares, no seu artigo «Subsídios para o cancionário do arquipélago da Madeira [...]» [nota 26], publicado na revista *Lusitana* como sendo equivalente a “vossemecê”, ambas variantes do antigo “vossa mercê”. Esta FT também se encontra referida por José Rosado [nota 27] como estando em uso na ilha do Porto Santo, no seu artigo intitulado «Linguagem popular portossantense», publicado na revista *Xarabanda*.”

Vocabulários	Amecê
E. Ribeiro (1929)	“amecê – Por «vossemecê»”
F. A. da Silva (1950)	“Amecê – Vossemecê (Do antigo Vossa Mercê).”
L. de Sousa (1950)	“Amecê – Vossemecê. Notas: A. M. [Augusto Moreno?] regista a origem madeirense desta palavra e respectivo sentido.”
A. M. Caldeira (1993)	“A-mecê, trato pessoal; palavra rústica. (referindo-se à pessoa). [sic] – <i>A mecê sabe? A mecê quer saber? S’a mecê soubesse...</i> ”/ “ <b>Mecê</b> , Senhor ou senhora. – A mecê sabe <i>milhor</i> de qu’eu as coisas <i>cuma</i> são.”

**Tabela 2.** Alguns vocabulários regionais: entrada “Amecê”.

Em síntese, a entrada de “Amecê” com definição, no conjunto dos dicionários consultados, ocorre unicamente no Priberam [em linha], (2008 – 2021), evidenciando a aglutinação de “vossa mercê” (sem artigo) e com a indicação de pertencer à classe “pronome pessoal” com dois géneros”. Identifica a origem regional, assim como o nível de língua “[Portugal: Madeira, Informal]”. A definição é esclarecedora, contradizendo a noção de pronome pessoal por ser uma “Forma de tratamento informal que se dirige a pessoas que não são tratadas por tu e que obriga à concordância com o verbo na terceira pessoa.” Remete para “VOCÊ, VOSSEMECÊ”. Também elas formas derivadas de “Vossa Mercê”. Os restantes dicionários, tanto os portugueses, dos mais antigos (Bluteau e Morais) aos mais recentes (Academia e Houaiss), nenhum atesta “amecê”. Sucede o mesmo com os dois dicionários de galego consultados. Situação completamente contrária se regista nos vocabulários regionais porque todos os aqui referidos (cf. Tabela 2) atestam a ocorrência e, apresentando entrada, definem a significação. Comprovam os vocabulários o uso regional, ignorado pelos dicionários nacionais e internacionais. Para o Padre Fernando Augusto da Silva, “amecê” liga-se a “Vossemecê (Do antigo Vossa Mercê)”. Quanto a Emanuel Ribeiro, tem a mesma proveniência: “amecê – Por «vossemecê»”, sucedendo o mesmo para Luís de Sousa: “Amecê – Vossemecê”. Segundo Abel Marques Caldeira, a grafia difere, estando a vogal “A” separada de “mecê”: “A-mecê, trato pessoal; palavra rústica. (referindo-se à pessoa). [sic] – *A mecê sabe? A mecê quer saber? S’a mecê soubesse...*”/ “**Mecê**, Senhor ou senhora. – A mecê sabe *milhor* de qu’eu as coisas *cuma* são.” A expressão “palavra rústica” evidencia um juízo de valor e, em simultâneo, remete para

o mundo rural e antigo. Luís de Sousa sublinha o regionalismo com uma observação, numa referência a “A. M.” que não se comprovou, deduzindo-se pela sua bibliografia, tratar-se de Augusto Moreno: “Notas: A. M. [Augusto Moreno?] regista a origem madeirense desta palavra e respectivo sentido.”

No sentido de pesquisar usos de “amecê”, procurou-se a sua existência numa obra de literatura regional madeirense de um autor do Norte da ilha da Madeira, mais precisamente da Ponta Delgada, do concelho de São Vicente: Horácio Bento de Gouveia, que está para a Madeira como Vitorino Nemésio para os Açores. Do vasto conjunto da sua produção, escolheu-se a que dedica à temática do bordado da Madeira. É de realçar que se afigurou não haver ocorrências para “amecê”. Em *Lágrimas Correndo Mundo*, Horácio Bento de Gouveia, nas múltiplas formas de tratamento que usou na boca das diversas personagens, procurando reproduzir o seu modo de falar, ao jeito de Gil Vicente, não se encontrou nenhuma ocorrência de “amecê”. Observe-se o seguinte levantamento para ter uma ideia da diversidade registada pelo escritor (sublinhados nossos que evidenciam usos desde “Vossa Senhoria” à forma verbal sem qualquer pronome ou outro elemento):

- P.16 “ - Vossa Senhoria dá licença?” “ - Sim, senhor,” “ - Então vamos ver se será bom fiscal para zelar interesses da Casa.”
- P. 28 “ - Vocemecê não é da freguesia?” “ - Vossa Senhoria deve ter razão.”
- P. 30 “ - O senhor até parece caixeiro!” “ - Você alembro-se (...)”
- P. 35 “ - É porque a vizinha [= você] é mãe de filhos!”
- P. 76 “ - Então quando vamos ao Norte, amigo Freitas”
- P. 106 “ - Pai a sua bênção!”
- P. 162 “ - Mê Pai, trouxe-lhe esta camisola!”
- P. 163 “ - Sim, sr.<sup>a</sup> Berta!,” “ - Olhe, vezinha Berta, ele anda mesmo tonto (...)”
- P. 177 “ - D. Guilhermina! “
- P. 179 “ - Sr. Professor Lopes, espero com interesse ler as suas crónicas...”
- P. 182 “ - Antão Mestre Afonso, a cambota do «Morris» s’tá pronta?”

Em “Address in portuguese and spanish” de Martin Hummel (cf. recortes abaixo), segundo Célia dos Santos Lopes, 2020, atestou-se a forma, evidenciando, na boca do “povo”, “amecê” ser diferente de “o senhor” (distanciamento), já que são “todos irmãos” (“tudo *irmão*” – da mesma condição). Nos recortes abaixo, chama a atenção a aproximação de “Madalena do Mar”, freguesia do concelho da Ponta do Sol, na zona sul, mais a ocidente da ilha da Madeira, ser identificada como pertencente ao Funchal, que se situa a uma distância bastante considerável.

Contudo, a localização ultrapassa as fronteiras de Machico aqui estabelecidas. O ponto 371 e a tabela 21 atestam “amecê”, que, pelo que se comprovou, nem sempre é (era) destinado a “parentes” porque pode (podia) ser para membros da comunidade com que pouco se convive (convivia):

Madalena do Mar (Funchal)

371: Chamam: *mê pai* ou *mi-pai*, *mê padrinho*, etc. Quando falam com eles tratam-nos por *amecê*. [...] Não empregam *o senhor*. Para o povo é tudo *irmão*.

'Children use variants of 'my father', 'my godfather', etc. When they speak to them they use *amecê* (= reduced *vossamecê*). They do not use *o senhor*. For the general public everybody is called *irmão* 'brother'

**Table 21:** Summary of the main forms of address used in the dialects of Portugal.

Categories	Appellative Forms	Actantial Forms
<-> young	First name, e.g. <i>João</i> , <i>Maria</i>	<i>tu</i> , 2P
<-> equals	First name, e.g. <i>João</i> , <i>Maria</i> ; <i>irmão</i>	<i>tu</i> , 2P, <i>você</i> , 3P
> parents	(ô) ( <i>meu/mi-</i> ) ( <i>sr.</i> ) <i>pai/mãe</i> ; <i>paizinho</i>	<i>o pai/a mãe</i> , <i>você</i> , <i>vo(sse)mecê</i> , <i>amecê</i>
> older (in-group)	<i>ó velh(inh)a</i> , <i>tio/a</i>	<i>você</i> , <i>vo(sse)mecê</i>
> strangers	<i>senhor/a</i>	<i>você</i> , <i>v(osse)mecê</i> , <i>o senhor</i>
> superiors	<i>patrão</i> , <i>senhora</i>	<i>vo(sse)mecê</i> , <i>o senhor</i> , <i>Vossa Excelência</i>

A Internet é uma fonte que permite registar o fenómeno da revitalização desta forma de tratamento em franco declínio na comunidade de falantes, pelo menos nos seus usos quotidianos, já bastante marcados pela escolarização. Os usos de “amecê” vão surgindo em algumas páginas de humor, em publicidade e em diversos outros formatos (cf. Figuras 1, 2, 3, 4, 5 e 6).

Registou-se a forma no plural (“amecê – amecês”), quando, portanto, o destinatário é um público e, no caso da divulgação digital, toda e qualquer pessoa que veja/ leia a mensagem enquanto utilizadora das redes sociais. Registou-se a grafia “Amessês” [As Vossas Mercês - Vossemecês], atribuindo-se a “mercês” os dois “ss” do possessivo que foi excluído, numa franca sobreposição de “vossas” (-ss-) e “mercês” (-c-). Aliás, em “vossemecês”, estão patentes ambas as grafias (-ss- + -c-). Na página de humor do Compadre Jodé (cf. Figuras 1 e 2) é assim grafado. Poderá também significar que quem escreveu não domina a língua e que escreve como entende, não seguindo qualquer convenção porque não tem muita escolarização. No entanto, colocando de lado esta nota relacionada com a

Ortografia que mereceria maior reflexão, observa-se que, no texto do Compadre Jodé, é claramente uma forma de tratamento que não envolve qualquer interjeição, reportando-se às pessoas que acedem aos conteúdos que ele coloca na página da Internet. Não sabe quem são essas pessoas (jovens, adultos, mulheres, homens, crianças, etc.), nem a sua condição social. Na figura 1, é empregue em vez de “vocês” (Bom dia, para vocês todos – “Bum duêa p’amessês toudos”). Trata-as em conjunto, empregando o masculino plural. Na figura 2, mantendo o uso, a forma verbal acompanha a terceira pessoa do plural: “Amessês são bauas pessaus” e “s’amessês são servidos”.



**Figura 1.** Imagem retirada da Internet [Facebook Compadre Jodé] em maio de 2021.



**Figura 2.** Imagem retirada da Internet [Facebook Compadre Jodé] em maio de 2021.

As duas figuras seguintes (cf. 3 e 4) reportam-se ao uso do plural “amecês” (= vocês) e do singular “amecê” (= você), atribuídos a uma mesma fonte. Registou-se na divulgação comercial de uma proposta gastronómica ligada à culinária regional com a designação da interveniente como “A Biqueira”. O emprego do plural ocorre na imprensa, na campanha promocional que o *Diário de Notícias da Madeira* tem divulgado em 2022. O uso do singular remete para a divulgação na Internet, através do *Youtube*, sendo anterior à da campanha levada a cabo na imprensa.



**Figura 3.** Campanha promocional e publicitária promovida pelo *Diário de Notícias da Madeira*.



**Figura 4.** Descrição de uma publicação, consultada na página do Facebook ‘A Biqueira’ em maio de 2021.

As duas formas de tratamento surgem em excertos de discurso dirigido ao(s) destinatário(s), à partida, madeirense(s) que conhece(m) a forma. Os verbos acompanham, como para “você” e “vocês” na 6.<sup>a</sup> pessoa, ou seja, na 3.<sup>a</sup> do plural. Reconhecendo-se, por isso mesmo, que funcionam como sujeito (“Amecê dava” e “Amecês que botem sentido”). Por conseguinte, têm dupla categorização – pronome e forma de tratamento –, mas nos contextos dados são claramente identificadas como forma de tratamento, isto é, formas empregues para identificar e tratar a pessoa com quem o “eu” fala. Estes exemplos ilustrados são meramente ilustrativos porque se vão achando vários outros, de modo especial na publicidade (cf. Figura 5). De qualquer modo, além de forma de tratamento, registaram-se outros usos: nomeadamente como alcunha<sup>2</sup>, apelido (cf. Figura 6, é um apelido presente numa página pessoal de Instagram, cujos dados pessoais de identificação foram escondidos, para preservação da identidade), nome de loja, etc. A ocorrência presente na

2 Vivendo Jéssica Olim em Machico, havia, na área de residência, uma vizinha que era alcunhada de a “Amecê”.

publicidade da Figura 5 é deveras interessante porque permite perceber a idade dos destinatários (dos 16 aos 35) com quem se emprega essa forma de tratamento. Atestou-se no singular e a encabeçar uma interrogativa.



**Figura 5.** Cartaz Promocional – Grupo Folclórico da Casa do Povo da Camacha.



**Figura 6.** Página pessoal de Instagram - apelido “Amecê”.

A diversificação quanto às funções e aos empregos de “amecê” revela a riqueza linguística e as possibilidades que um mesmo elemento tem para ocorrer numa variedade considerável de contextos. Aqui, a forma de tratamento submetida a um breve inquérito, na zona oriental da ilha da Madeira, a área de Machico, suscitou este trabalho exploratório de um vocábulo que importa estudar, já que vai sendo apagado no quotidiano, mas revitalizado, como identitário, nas redes sociais, na Internet.

### 3. Investigação: resultados de um inquérito

O vocábulo “Amecê” era frequentemente utilizado no concelho de Machico, não tanto nas gerações mais novas (ex: dos 10-39 anos), mas nas anteriores, a dos pais (40-69 anos) e avós (mais de 70 anos). Há dez-quinze anos, ainda era recorrente ouvir dizê-lo, várias vezes. Contudo, hoje, isso não acontece tanto, nas relações interpessoais. É de sublinhar que, com o passar do tempo, acabamos por alterar, de certo modo, a nossa forma de falar e de agir em sociedade. Aquilo que dantes era o normal; hoje, é visto como errado. É Património Linguístico. Foi uma herança que veio dos antepassados e que, até ao presente, permanece ainda vivo na nossa cultura. Esta investigação resultou de um inquérito, numa análise que irá permitir perceber se o vocábulo “amecê” ainda continua, ou não, em pleno uso na sociedade. Possibilitará compreender, ao mesmo tempo, se é conhecido o seu significado, as circunstâncias de utilização, a quem é dirigido na maior parte das vezes, o que simboliza e entender se, do ponto de vista dos inquiridos, está a cair em desuso. É impressionante o poder dos *media* ao promover o trabalho de alguns humoristas madeirenses que não deixam morrer aquilo que é comunitário e identitário: particularidades linguísticas específicas da língua portuguesa, destacando de forma bem característica a(s) pronúncia(s) e os vocábulos madeirenses.

Neste trabalho<sup>3</sup>, além da procura em alguns dicionários como, por exemplo: Priberam (2021), Houaiss (2001 e 2005), Porto Editora (1998), Machado (1991), Cândido de Figueiredo (1986), e em vocabulários madeirenses, como o do Padre Fernando Augusto da Silva (1950) e o de Abel Marques Caldeira (1993), para

---

3 Este estudo resultou da unidade curricular de Património Linguístico, regida por Helena Rebelo, no Mestrado em Estudos Regionais e Locais, na Universidade da Madeira, visando perceber se o vocábulo “amecê” continua, ou não, a ser utilizado na Região Autónoma da Madeira, mais precisamente no concelho de Machico. Quanto ao inquérito/ questionário, foi elaborado através da plataforma Survio e esteve disponível apenas em formato digital, em altura de pandemia por COVID-19.

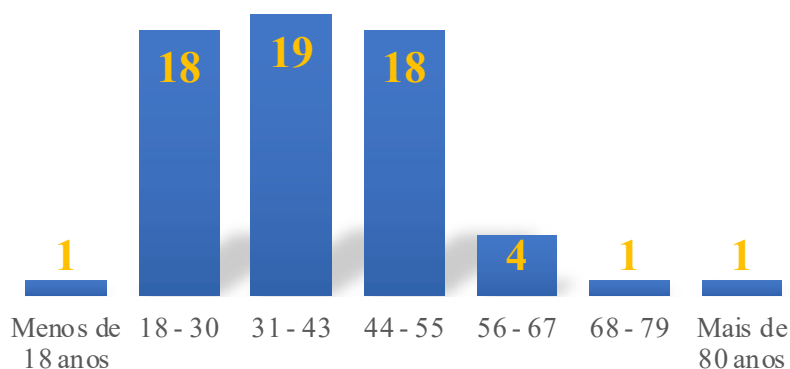
fixar o significado de “amecê”, foi elaborado e aplicado um breve questionário, para inquirir a população sobre a forma. Procedeu-se a uma análise, tendo em conta dados pessoais, como idade, sexo, nível de escolaridade e freguesia de residência, através das diversas questões colocadas e, desta forma, perceber até que ponto estes diversos parâmetros tiveram, ou não, influência nas opções selecionadas pela população inquirida desta localidade.

Nos dias estabelecidos para a recolha de respostas, obtiveram-se 62 inquiridos. Apesar dos números alcançados, destaca-se o facto de mais de metade da população que acedeu ao *link* ter apenas entrado na plataforma, mas, por alguma razão, decidiu não contribuir para este estudo. Chegaram aos 51.9%. Contudo, os restantes inquiridos que responderam ao questionário (48.1%), na sua maioria, despenderam entre um e dois minutos do seu tempo. Estamos a falar de um inquérito curto e bastante acessível.

Nos vários vocabulários consultados, a definição de “amecê” é muito vaga e este termo regional não foi alvo de muitos estudos. Para a maioria da população nacional, a palavra é totalmente desconhecida, o que pode acontecer com a regional madeirense. O interesse consistia em perceber se os inquiridos iriam fazer eco da situação verificada com os dicionários e vocabulários, numa dimensão nacional-regional. Até que ponto identificariam o significado do vocábulo “Amecê” como uma forma de tratamento utilizada, tanto para o masculino como para o feminino, semelhante à que hoje utilizamos com “você” (pouco empregue em Portugal)/ “vossemecê” (ainda em uso em zonas rurais de Portugal continental, mas também a desaparecer, pelo conhecimento que se tem da zona centro do país, por regiões como Beira Litoral e Beira Alta). Apresentam-se os dados do breve inquérito.

### 3.1. Faixa etária

Em relação à faixa etária (cf. Gráfico 1 – Tabela 1), foi visível que a população com idades entre os 31 e os 43 anos de idade foi a que mais contribuiu para esta pesquisa. Não muito atrás, e com o mesmo número de resultados (29.0%), encontram-se os inquiridos com idades entre os 18 e os 30 anos e os 44 e 55. Houve quatro elementos com idades entre os 56 e 67 anos que responderam a este inquérito. Um indivíduo com menos de 18 anos, um com idade entre os 68 e 79 e um outro com mais de 80 anos também cooperaram para esta investigação. Desta maneira, é notório o facto de que há, pelos menos, um indivíduo de cada faixa-etária, que preencheu este questionário, destacando-se, sem margem para dúvidas, a população jovem/adulta.

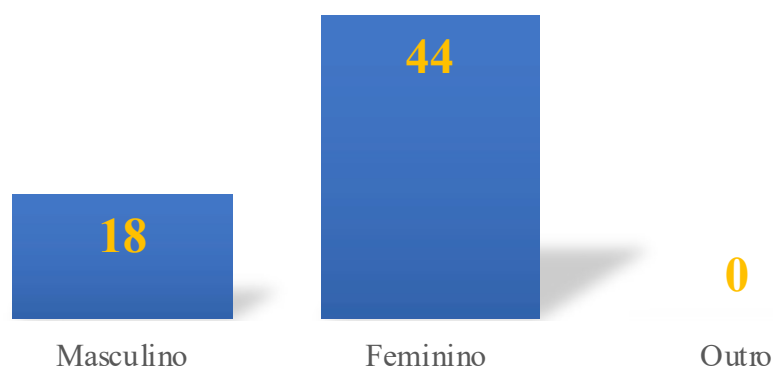
**Gráfico 1.** Faixa etária.

Idades	Respostas	Percentagem (%)
- 18	1	1.6%
18 – 30	18	29.0%
31 – 43	19	30.6%
44 – 55	18	29.0%
56 – 67	4	6.5%
68 – 79	1	1.6%
+ 80	1	1.6%

**Tabela 1.** Faixa etária.

### 3.2. Sexo

Quanto ao sexo (cf. Gráfico 2 – Tabela 2), é a população feminina que se destaca. Houve 44 inquiridos do sexo feminino que colaboraram para esta investigação e 18 do sexo masculino. É possível acrescentar que há, pelo menos, uma mulher, de cada faixa etária, que preencheu este inquérito. Contudo, na sua maioria, têm entre 18 e os 55 anos de idade. Dos 18 indivíduos do sexo masculino, três têm idades entre os 18 e os 30 anos, sete entre os 31 e 43 anos, cinco com idade entre os 44 e os 55 e, por fim, três com idade entre os 56 e 67 anos.

**Gráfico 2.** Sexo.

Sexo/Género	Respostas	Percentagem (%)
Masculino	18	29.0%
Feminino	44	71.0%
Outro	0	0.0%

**Tabela 2.** Sexo.

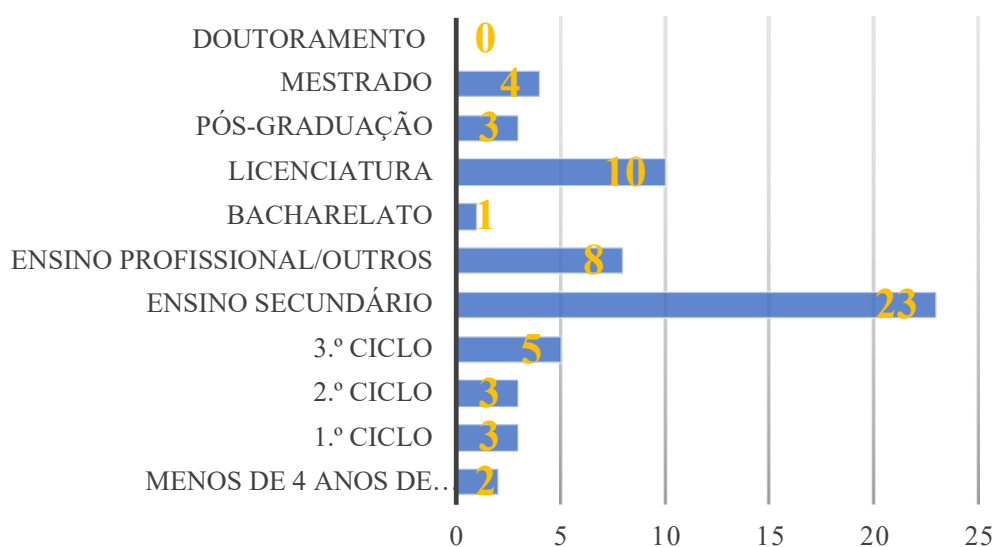
### 3.3. Nível de escolaridade

Relativamente ao nível de escolaridade (cf. Gráfico 3 – Tabela 3), a população, na sua maioria, tem pelos menos o 12.º ano (último nível do ensino obrigatório, em 2021). Com maior percentagem, estão os inquiridos que têm, completo, o ensino secundário (37.1%), depois os indivíduos com licenciatura (16.1%), de seguida os que têm um Curso Profissional/Outros (12.9%) e, posteriormente, com o 3.º Ciclo de Escolaridade (8.1%). Segue-se a população que tem Mestrado (6.5%) e, posteriormente, com 4.8% dos inquiridos, estão os indivíduos com o 1.º e o 2.º Ciclos de Escolaridade e com uma Pós-Graduação. Por fim, e com as percentagens mais baixas, figuram os inquiridos com menos de quatro anos de escolaridade (3.2%) e com Bacharelato (1.6%). Com o nível de Doutoramento, não houve nenhuma pessoa que contribuisse para este estudo.

Em comparação com as alíneas anteriores, grande parte da população com o Ensino Secundário tem entre 18 e 55 anos de idade. No grau de Licenciatura, é também esta mesma faixa-etária que se destaca. Com idades entre os 56 – 67 anos, o nível de escolaridade que predomina é o 1.º Ciclo. Com 68 – 79 anos de idade, é o Ensino Secundário e, por fim, com mais de 80 anos, há um indivíduo que

contribuiu para esta investigação, possuindo menos de quatro anos de escolaridade. A maioria dos indivíduos do sexo feminino tem o Ensino Secundário, assim como os do sexo masculino. Tanto a população feminina como a masculina tem, na sua maioria, o 12.º ano de escolaridade. Segue-se o Ensino Profissional/Outros e a Licenciatura com o mesmo número de inquiridos, em relação ao sexo feminino. Quanto ao masculino, logo depois, é a Licenciatura que prevalece.

**Gráfico 3.** Nível de escolaridade.



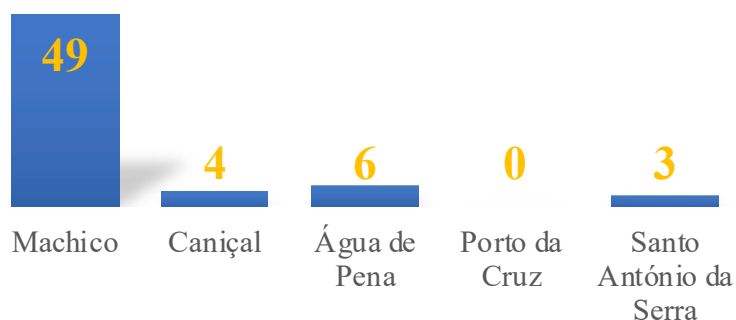
Escolaridade	Respostas	Percentagem (%)
Menos de 4 anos de escolaridade	2	3.2%
1.º Ciclo do Ensino Básico	3	4.8%
2.º Ciclo do Ensino Básico	3	4.8%
3.º Ciclo do Ensino Básico	5	8.1%
Ensino Secundário	23	37.1%
Curso Profissional/Outros	8	12.9%
Bacharelato	1	1.6%
Licenciatura	10	16.1%
Pós-Graduação	3	4.8%
Mestrado	4	6.5%
Doutoramento	0	0.0%

**Tabela 3.** Nível de escolaridade.

#### 4. Freguesia de residência

O concelho de Machico está dividido em cinco freguesias: Caniçal, Porto da Cruz, Água de Pena, Santo António da Serra e a freguesia de Machico. Nesta investigação (cf. Gráfico 4 – Tabela 4), os inquiridos são, quase na sua totalidade, da freguesia de Machico (79%). Segue-se a freguesia de Água de Pena, com seis indivíduos (9.7%), de seguida a do Caniçal com quatro (6.5%) e, por fim, a do Santo António da Serra com três inquiridos (4.8%). Não foi possível chegar a, pelo menos, um sujeito que residisse na freguesia do Porto da Cruz. Relaciona-se o dado da residência com a faixa etária, o sexo e a escolaridade. Relativamente à freguesia de Machico, é possível verificar que a maior parte tem idades entre os 18 e os 55 anos. Para o Caniçal, têm de 18 a 30 anos; quanto a Água de Pena, vão de 31 a 55 anos e, para Santo António da Serra, as idades vão dos 18 aos 30 anos. É possível acrescentar que, na amostra, há, pelo menos, uma mulher em cada uma das freguesias deste concelho, salvo Porto da Cruz. Trinta e quatro mulheres são da freguesia de Machico, quatro do Caniçal, três de Água de Pena e outras três do Santo António da Serra. Os inquiridos do sexo masculino são, na sua maioria, da freguesia de Machico. Apenas três são da freguesia de Água de Pena. O nível de escolaridade que predomina na freguesia de Machico, nesta amostra, é o Ensino Secundário; no Caniçal, é o 3.º Ciclo de Escolaridade; em Água de Pena, o Ensino Secundário e o Ensino Profissional/Outros e, em Santo António da Serra, o Mestrado.

**Gráfico 4.** Freguesia de residência.



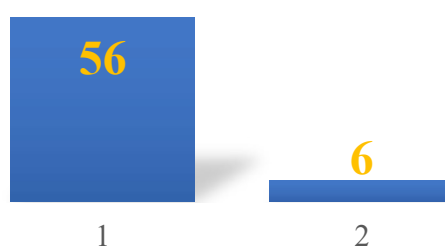
Residência	Respostas	Percentagem (%)
Machico	49	79.0%
Caniçal	4	6.5%
Porto da Cruz	0	0.0%
Água de Pena	6	9.7%
Santo António da Serra	3	4.8%

**Tabela 4.** Freguesia de residência.

### 5. Conhece ou já ouviu o vocábulo “amecê”?

Nesta amostra de 62 inquiridos (cf. Gráfico 5 – Tabela 5), na resposta à pergunta “Conhece ou já ouviu o vocábulo “amecê?””, houve 56 indivíduos que afirmaram conhecer este vocábulo. Apenas seis inquiridos asseguram que não o conhecessem, nem nunca o ouviram. É de salientar que os seis indivíduos que responderam “não” têm um menos de 18 anos de idade e os restantes cinco entre 18 e 30 anos. Desta forma, é possível realçar o facto de que este vocábulo só não é conhecido pela população mais jovem. Isto corrobora a hipótese de a palavra estar, muito possivelmente, a desaparecer no quotidiano machiquense. É possível acrescentar que estes seis indivíduos que afirmaram não conhecer este vocábulo são todos do sexo feminino. Terá a escolaridade influência no conhecimento e no uso deste vocábulo? Quem optou por “não” tem, no mínimo, o 3.º Ciclo de Escolaridade e no máximo o Mestrado, ou seja, são indivíduos escolarizados, mas desconhecem a palavra “amecê”, não sendo uma forma de tratamento em uso na escola. Este vocábulo não é conhecido apenas numa freguesia; há, pelos menos, um indivíduo que conhece esta forma de tratamento nas identificadas. A partir desta pergunta, os inquiridos que responderam “não” finalizaram o seu inquérito pois, não fazia sentido prosseguirem se não conhecem nem nunca ouviram este vocábulo. Desta forma, esta investigação continua com uma amostra de 56 indivíduos.

**Gráfico 5.** «Conhece, ou já ouviu o vocábulo “amecê”?»



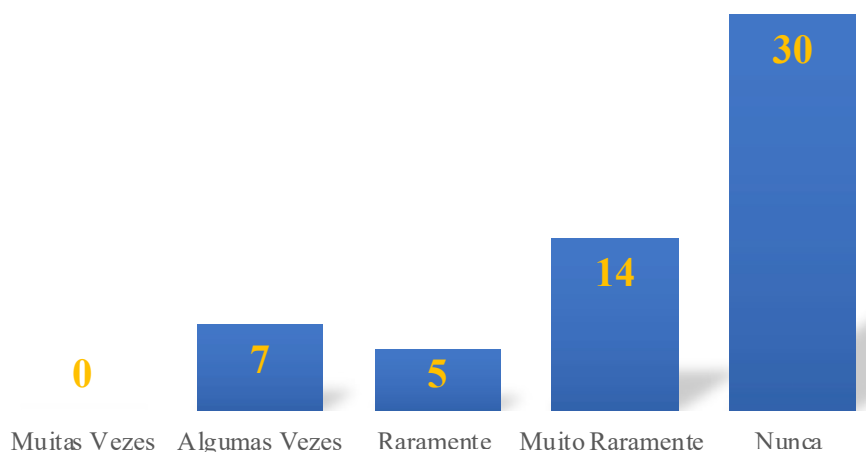
Conhecimento	Respostas	Percentagem (%)
Sim	56	90.3%
Não	6	9.7%

**Tabela 5.** «Conhece, ou já ouviu o vocábulo “amecê”?»

## 6. Com que frequência o utiliza?

Em relação à pergunta “Com que frequência o utiliza?” (cf. Gráfico 6 – Tabela 6) é notório que a maioria, ou seja, 55.2% da população inquirida, nunca o utiliza apesar de o conhecer ou de já o ter ouvido. No entanto, há quem o use muito raramente (24.1%), raramente (8.6%) e algumas vezes (12.1%). É de salientar que não há ninguém que o utilize muitas vezes. Nesta investigação, foi possível perceber que é a faixa-etária dos 18 aos 55 anos de idade que domina esta pesquisa, a maior parte dos indivíduos optou por “muito raramente” e “nunca”, sendo estas opções também escolhidas, na sua maioria, tanto em relação ao sexo masculino como ao feminino. De acordo com os dados anteriores, é possível verificar que a população com menos formação é a que mais utiliza este vocábulo e, muito possivelmente, isto também se deve ao meio em que este mesmo segmento populacional se encontra inserido (a indicação de “rústico” de Abel Marques Caldeira” pode indiciar menos escolaridade/ menos urbanidade/ mais ruralidade). Segundo as freguesias, as opções acima mencionadas são também as que predominam. Desta forma, pela amostra, comprova-se que já não há um uso frequente deste vocábulo. Os indivíduos conhecem-no, mas já não o usam e se usam, é muito raramente.

**Gráfico 6.** «Com que frequência o utiliza?»

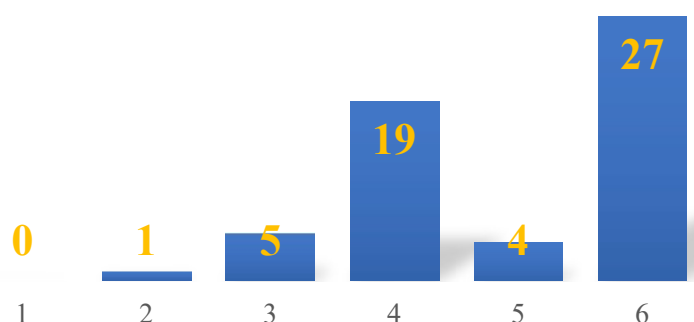


Frequência	Respostas	Percentagem (%)
Muitas vezes	0	0.0%
Algumas vezes	7	12.1%
Raramente	5	8.6%
Muito raramente	14	24.1%
Nunca	30	55.2%

**Tabela 6.** «Com que frequência o utiliza?»

## 7. Com quem costuma utilizar este vocábulo?

Na pergunta seguinte: “Com quem costuma utilizar este vocábulo” (cf. Gráfico 7 – Tabela 7), destaca-se, igualmente, o facto de grande parte dos inquiridos (49.1%) não o utilizar. É conhecido, mas não é usado na prática, na convivência em sociedade. Porém, é em conversa com a população idosa que dezanove dos inquiridos (33.3%) utilizam este vocábulo. Cinco indivíduos (8.8%) responderam que recorrem a esta palavra ao dirigem-se à população adulta; quatro (7.0%) afirmam que o utilizam quando comunicam com qualquer indivíduo e um (1.8%), quando aborda os mais jovens. Com as crianças, nenhum dos inquiridos utiliza este vocábulo. Em comparação com outros dados, acima de 18 anos de idade, a maior parte da população que completou este inquérito escolheu as opções “idosos” e “não utilizo”. De facto, é evidente que a população não o usa ou, se usa, é-o com os idosos. Com os mais novos, este termo não é de uso corrente no dia-a-dia. Em relação ao parâmetro sexo, a opção “não utilizo” foi a que predominou e, logo depois, “idosos”. O nível de escolaridade volta a não ter interferência nas opções dos inquiridos. Nas freguesias de Machico, de Água de Pena e de Santo António da Serra, a maior parte da população que contribuiu para esta investigação não utiliza este vocábulo. Contudo, no Caniçal, a maioria utiliza-o, mas só com a população idosa.

**Gráfico 7.** «Com quem costuma utilizar este vocábulo?».

Interlocutor	Respostas	Percentagem (%)
Crianças	0	0.0%
Jovens	1	1.8%
Adultos	5	8.8%
Idosos	19	33.3%
Com qualquer indivíduo	4	7.0%
Não utilizo	27	49.1%

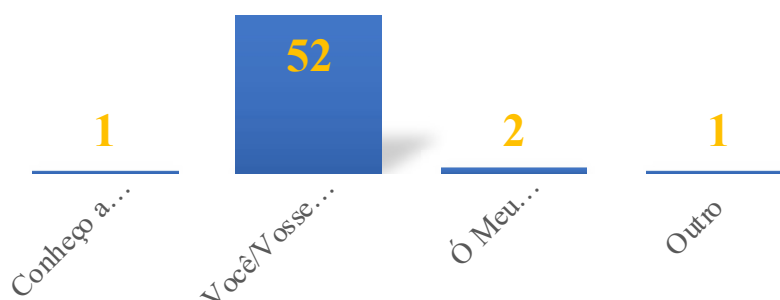
**Tabela 7.** «Com quem costuma utilizar este vocábulo?».

## 8. Para si, o que significa “amecê”?

O vocábulo “amecê” não é definido nos dicionários de Português, não sendo acessível encontrar o seu significado. O dicionário português Priberam, provavelmente pela recorrência da procura na Internet por parte dos falantes, acabou por registar o uso regional madeirense. No questionário, para a pergunta “Para si, o que significa “amecê” (cf. Gráfico 8 – Tabela 8), é evidente que quase toda a população inquirida (93%) sabe o significado desta palavra. Apenas dois indivíduos afirmam que o significado deste vocábulo é “ó meus [sic] deus senhor”. Ainda há uma pessoa que diz conhecer a palavra, mas que não sabe o seu significado e uma outra afirma que “amecê” significa, para si, “calma”. A opção “você/vossemecê” é a que, em todas as faixas etárias, foi a mais escolhida, tanto em relação ao sexo masculino como ao feminino. Em todos os níveis de escolaridade,

foi esta mesma escolha que preponderou, salvo no conjunto dos indivíduos que têm o 3.º Ciclo de escolaridade que optaram, de igual forma, por “você/vossemecê” e “ó meu deus senhor”. Porém, foi apenas na freguesia de Machico que as opções “ó meu deus senhor” e “conheço a palavra, mas não sei o seu significado”, foram escolhidas. Ainda um outro indivíduo desta mesma freguesia afirma que “amecê”, para si, é sinónimo de “calma”. Nas restantes, a única alínea escolhida foi “Você/Vossemecê”.

**Gráfico 8.** «Para si, o que significa “amecê”?»



Significado	Respostas	Percentagem (%)
Conheço a palavra, mas não sei o seu significado	1	1.8%
Você/Vossemecê	52	93.0%
Ó meu deus senhor	2	3.5%
Outro...	1	1.8%

**Tabela 8.** «Para si, o que significa “amecê”?»

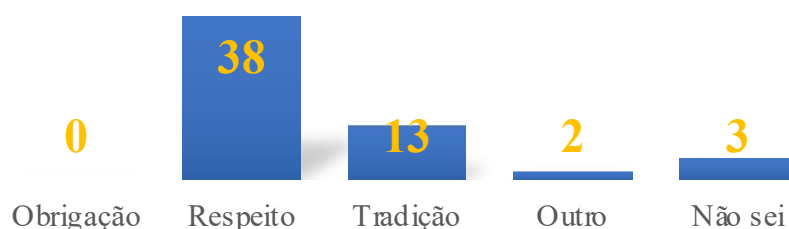
## 9. Para si, esta palavra simboliza o quê?

Na pergunta seguinte “Para si, esta palavra simboliza o quê?” (cf. Gráfico 9 – Tabela 9), a maior parte dos inquiridos (65.5%) diz que “amecê” significa “respeito”, ou seja, é uma forma de tratamento que, para eles, é sinónimo de respeito. Com uma percentagem de 22.4%, há treze indivíduos que afirmam que esta palavra simboliza uma tradição. Visto isto, podemos verificar que este vocábulo é entendido como algo que é habitual dizer/ouvir numa determinada

sociedade/cultura e que chegou até à presente geração como uma herança, como aquilo que veio do passado e que se manteve até hoje, mesmo sendo apenas um conhecimento passivo, vincado na mente/consciência. Três inquiridos (8.6%) não fazem a menor ideia do que simboliza esta palavra. Ainda um dos indivíduos respondeu que recorre à palavra “amecê” como uma “brincadeira” e um outro diz que este vocábulo simboliza “antiguidade”. Nenhum dos inquiridos referiu o item “obrigação”.

A opção “respeito” (bem diferente de “informal” na proposta do dicionário Priberam) foi a mais escolhida em todas as faixas etárias. No parâmetro sexo, também foi esta mesma alínea que se destacou perante as restantes, tanto para o lado masculino como para o feminino. Apenas quem tem o 2.º Ciclo de escolaridade e uma pós-graduação escolheu, maioritariamente, a opção “tradição”. De seguida, foi “respeito” que predominou. “Respeito” foi a resposta mais votada também em todas as freguesias do concelho de Machico. Contudo, é de salientar que a freguesia de Machico foi a única que teve indivíduos a marcar outras opções, como “tradição”, “não sei” e “outro”. Na globalidade, a população inquirida elegeu a opção “respeito”.

**Gráfico 9.** «Para si, esta palavra simboliza o quê?»



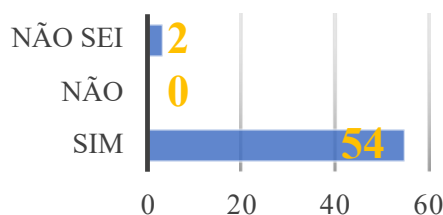
Valor	Respostas	Percentagem (%)
Obrigação	0	0.0%
Respeito	38	65.5%
Tradição	13	22.4%
Outro...	2	3.4%
Não sei	3	8.6%

**Tabela 9.** «Para si, esta palavra simboliza o quê?»

## 10. Considera que este vocábulo está a desaparecer na sociedade madeirense?

Finalmente, na última pergunta deste questionário/ inquérito: “Considera que este vocábulo está a desaparecer na sociedade madeirense?” (cf. Gráfico 10 – Tabela 10), é notório que a opção “sim” foi a mais assinalada (94%). Não houve um único inquirido que respondesse “não”. No entanto, dois indivíduos responderam “não sei”. A partir daqui, já é possível tirar algumas conclusões. As pessoas têm consciência de que esta forma de tratamento está a desaparecer gradualmente na comunidade, na sociedade madeirense hodierna. De acordo com esta investigação, os dois inquiridos que marcaram a opção “não sei” têm ambos entre 18 e 30 anos de idade e são do sexo feminino. Uma destas mulheres tem o 12.º ano de escolaridade e a outra uma licenciatura. Pertencem as duas à mesma freguesia, a de Machico.

**Gráfico 10.** «Considera que este vocábulo está a desaparecer na sociedade madeirense?»



Desaparecimento	Respostas	Percentagem (%)
Sim	54	94.8%
Não	0	0.0%
Não sei	2	5.2%

**Tabela 10.** «Considera que este vocábulo está a desaparecer na sociedade madeirense?»

Explorados os dez tópicos pensados para este breve questionário/ inquérito, aplicado em formato digital, que se manteve aberto durante cinco dias, sobre o conhecimento e o uso do vocábulo “amecê”, no concelho de Machico (Madeira), pela população daquela área geográfica, resta tirar algumas conclusões.

Comprovou-se a hipótese colocada logo de início: “amecê” está a perder vitalidade nos usos quotidianos da população.

### **Considerações finais**

Em modo conclusivo, esta pequena investigação permitiu perceber que a forma em estudo “amecê” está a perder-se no quotidiano da nossa sociedade. Apesar de a população inquirida, em geral, conhecer ou já ter ouvido esta forma de tratamento, ela própria assume que não a utiliza quotidianamente e tem perfeita consciência de que está a cair em desuso. É possível averiguar que o vocábulo “amecê” é utilizado, em particular, com a população idosa, o que leva ao pressuposto de que só se usa(va) com os mais velhos. A população mais nova já não se enquadra nos usos desta ‘antiga’ forma de tratamento. Destacamos que, embora o vocábulo “amecê” esteja a desaparecer, por ter sido substituído por “você” ou “a senhora/ o senhor”, foi mais frequente em algumas camadas sociais do que noutras. Esta forma de tratamento está a ser utilizada com cada vez menos frequência. Comprovou-se com as respostas deste breve estudo pelos dados apresentados em gráficos e tabelas nas perguntas da 5 à 10. A maioria conhece a forma e não a usa. Ligam-na ao respeito pelas pessoas mais idosas com quem falam. Parece, por isso, ser uma forma de tratamento marcada no tempo: mudou a sociedade e alterou-se o modo de tratamento. Há vocábulos que surgem; são utilizados durante algum tempo; depois “envelhecem” e muitos acabam mesmo por desaparecer.

Será que podem ressurgir? Eis uma nova questão. A verdade é que cabe à população mais jovem tentar não deixar morrer aquilo que é Património Linguístico; aquilo que tem uma necessidade de preservação. Pode desaparecer, se social e culturalmente deixar de ter relevância, mas investigar é preservar e lembrar o que existiu. Com isto, é de salientar o papel importantíssimo que os meios de comunicação têm tido ao longos destes anos, com o apoio das redes sociais, no que diz respeito à promoção da língua portuguesa. O vocabulário madeirense tem sido, ultimamente, muito destacado em alguns programas televisivos, na rádio e principalmente nas redes sociais. Isto deve-se ao assíduo trabalho dos famosos humoristas madeirenses mais conhecidos como os ‘4litro’ (de que se poderiam dar exemplos, embora não estejam representados neste estudo) e o ‘Compadre Jodé’ (cf. Figuras 2 e 3). Este vocábulo (“amecê/amecês”) é frequentemente empregue no discurso humorístico, sobretudo pela sátira a populares pouco letrados.

Do que ficou expresso, cabe registrar “amecê” como um bem patrimonial em vias de extinção. Mesmo não sendo empregue, deveria atestar-se, para não deixar morrer aquilo que é Património Linguístico Madeirense (com necessidade de preservação), marcando uma época nas relações sociais e culturais entre as pessoas de uma mesma comunidade linguística. Os meios de comunicação têm um papel fundamental nesta preservação, pela sua experiência comunitária. Os humoristas, sobretudo os que caracterizam tipos populares, pela sátira, mas também as campanhas publicitárias para a gastronomia, como A Biqueira, retomam os usos (valor negativo e/ ou positivo) de “amecê”. Vão tendo um papel importantíssimo nos meios de comunicação social, no que se refere à identidade regional madeirense. Em suma, dos dicionários, dos vocabulários, dos usos diversos e do inquérito aplicado, é possível dizer que “amecê” ainda é um vocábulo conhecido, mesmo não sendo utilizado com frequência, pelo menos no concelho de Machico. Depreende-se que há a consciência de que está a cair em desuso. Sendo ainda utilizado, em particular, é-o com os idosos. A população mais nova já não emprega esta ‘antiga’ forma de tratamento.

## Referências

- CASTELEIRO, M. J. (Coord.) (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. Academia das Ciências de Lisboa e Verbo.
- CALDEIRA, A. M. (1993). *Falares da ilha: (Pequeno) Dicionário da Linguagem Popular Madeirense*. Eco do Funchal.
- CINTRA, L. F. L. (1972). Sobre “Formas de Tratamento” na *Língua Portuguesa*. Livros Horizonte.
- COSTA, J. A. e Melo, A. S. e (1998) *Dicionário da Língua Portuguesa*, 8ª edição revista e actualizada. Porto Editora.
- DUARTE, I. M. (2011). Formas de tratamento em português: Entre léxico e discurso., *Revista Matraga, Estudos Linguísticos & Literários*, 18(28).
- FIGUEIREDO, C. de (1986). *Grande dicionário da língua portuguesa*, 2 vols., 23.ª ed. Bertrand.
- HOUAISS, A., Villar, M. S. (2001 e 2005) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro, Objetiva.
- HUMMEL, M. (2020). Address in Portuguese and Spanish. In M. Hummel & C. S. Lopes (Cood.), *Estudos em Diacronia e Reconstrução Diacrônica*. Fundo Austríaco de Ciência (FWF).
- MACHADO, J. P. (1991). *Grande Dicionário da Língua portuguesa*, coordenado por Machado e publicado pelo Círculo de Leitores em 1997, retomando a edição das Publicações Alfa.

- RIBEIRO, E. P. V. “Em Terra Nossa – Palavras”, “Palavras do Arquipélago da Madeira”, *Folha de Viana*, n.º 568, 17 maio 1916; n.º 571, 7 jun. 1916; n.º 580, 9 ago. 1916; n.º 585, 13 set. 1916; n.º 590, 18 out. 1916; Id., “Palavras do Arquipélago da Madeira”, *Lusitana*, Vol. XXIII, n.os 1-4, 1920, pp. 131-137; Id., *Palavras do Arquipélago da Madeira*, Porto, Maranus, 1929.
- SILVA, F. A. (1950). *Vocabulário Madeirense. Vocabulário popular do Arquipélago da Madeira. Alguns Subsídios para o seu Estudo*. Junta Geral do Funchal.
- SOUSA, L. (1950). *Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e Locuções*. Funchal, ed. do Autor.

## Referências online

- “AMECÊ”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em: <<https://dicionario.priberam.org/amec%C3%A7e>>, [consultado em 07-05-2021].
- “AMECÊ”, in *Vocabulário Madeirense*. Edição Junta Geral do Funchal, 1950. Disponível em: <[http://www.vetbiblios.pt/DIVERSOS/Actividades\\_Veterinarias/VocPopularMad.pdf](http://www.vetbiblios.pt/DIVERSOS/Actividades_Veterinarias/VocPopularMad.pdf)>, [consultado a 07-05-2021].
- “AMECE”, in *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pesquisa.php?q=Ame%C3%A7%C3%AA>>, [consultado a 07-05-2021].
- AURÉLIO, <<http://www.dicio.com.br/aurelio2/>>, [consultado a 10-05-2021].
- BAZENGA, A. (2022) “Formas de Tratamento de Segunda Pessoa do Singular em Português: Representações e Crenças de Falantes Madeirenses”, in revista *Arquivo Histórico da Madeira, Nova Série*, n.º 4, Funchal: Direção Regional do Arquivo e Biblioteca da Madeira, 465-499. <https://ahm-abm.madeira.gov.pt>
- BLUTEAU (<<http://archive.org/>>), [consultado a 10-05-2021].
- ESTRAVIZ.ORG, <<https://estraviz.org>>, [consultado dia 10-05-2021].
- GONZÁLEZ González, M. (dir.): *Dicionario da Real Academia Galega*. A Coruña: Real Academia Galega. <<https://academia.gal/dicionario>>, [consultado dia 10-05-2021].
- MORAIS, <<http://archive.org/>>, [consultado dia 10-05-2021].
- Página Facebook *Compadre Jodé*. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Compadre.Jode>>, [consultado dia 10-05-2021].